

Sofrimento psíquico: um estudo com professores(as) readaptados(as) da rede estadual de ensino em Corumbá e Ladário (MS)

Daniella Moreira Lima¹

Vanessa Catherina Neumann Figueiredo²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: O presente estudo tem como objetivo compreender o processo de sofrimento e adoecimento no trabalho de docentes readaptados nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Corumbá e de Ladário, MS. O recurso metodológico utilizado possui natureza qualitativa de caráter exploratório, tendo como aporte teórico a Psicodinâmica do Trabalho (PdT), abordagem criada por Christophe Dejours. As análises ocorreram através da técnica de Análise do Núcleo de Sentido (ANS) que consiste na análise de conteúdo categorial, dividida em três eixos temáticos-categoriais: (1) Antes da readaptação: uma trajetória de sobrecarga e sofrimento baseada nos ajustes neoliberais; (2) O sofrimento patogênico no âmbito da educação. Os resultados apontaram que a trajetória do docente é permeada por sofrimento e sobrecarga, relacionados ao programa neoliberal em um contexto de trabalho nocivo para a saúde do trabalhador. Essa circunstância contribui para o adoecimento que, por vezes, leva à readaptação funcional dos docentes.

Palavras-chave: readaptação funcional; sofrimento psíquico; neoliberalismo; Psicodinâmica do Trabalho.

¹ Mestra em Educação pela Educação (UFMS/CPAN), especialista em Psicanálise Clínica e Intervenções Clínicas (GAIO/FATEC), graduada em Psicologia (UFMS/CPAN) e residente no Programa de Pós-Graduação *lato sensu* em Residência Multiprofissional em Saúde da Família (UEMS).

² Doutora em Saúde Coletiva (UNICAMP), mestra em Sociologia (UNESP) e graduada em Psicologia (UNESP). Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços, no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Curso de Psicologia (CPAN)

Psychic suffering: a study with readapted teachers from the state education network in Corumbá and Ladário (MS)

Abstract: This study aims to understand the process of suffering and illness in the work of teachers who have been readapted to schools in the State Education Network of Corumbá and Ladário, MS. The methodological resource used is qualitative in nature and exploratory in nature, with the Psychodynamics of Work (PdT) as its theoretical framework, an approach created by Christophe Dejours. The analyses carried out using the Sense Nucleus Analysis (ANS) technique, which consists of analyzing categorical content, are divided into three thematic-categorical axes: (1) Before readaptation: a trajectory of overload and suffering based on neoliberal adjustments; (2) Pathogenic suffering in the context of education. The results indicated that the trajectory of teachers is permeated by suffering and overload, related to the neoliberal program in a work context that is harmful to the health of workers. This circumstance contributes to the learning that, at times, leads to the functional readaptation of teachers.

Keywords: functional readaptation; psychological suffering; neoliberalism; Psychodynamics of Work.

Sufrimiento psíquico: un estudio con profesores reajustados de la red de educación estatal en Corumbá y Ladário (MS)

Resumen: El objetivo de este estudio es comprender el proceso de apoyo y formación en el trabajo de profesores readaptados en las escuelas de la Red Estatal de Educación de Corumbá y Ladário, MS. El recurso metodológico utilizado es de naturaleza cualitativa de carácter exploratorio, tendiendo como sustento teórico a la Psicodinámica del Trabajo (PdT), enfoque creado por Christophe Dejours. Los análisis realizados a través de la técnica Core Sense Analysis (ANS), que consiste en un análisis de contenido categórico, se dividen en tres grupos temáticos-categoricos: (1) Antes de la readaptación: una trayectoria de sobrecarga y sufrimiento basada en los ajustes neoliberales; (2) Sufrimiento patógeno en el campo de la educación. Los resultados indican que la carrera docente está permeada por el sufrimiento y la sobrecarga, relacionados con el programa neoliberal en un contexto de trabajo nocivo para la salud del trabajador. Esta circunstancia contribuye al aprendizaje que, en ocasiones, conduce a la readaptación funcional de dos docentes.

Palabras clave: readaptación funcional; sufrimiento psicológico; neoliberalismo; Psicodinámica del Trabajo.

O final do século XX foi marcado por várias transformações no sistema educacional brasileiro em conformidade com as reformas político-econômicas neoliberais. O processo de acumulação flexível, propagando o desenvolvimento por meio da universalização do capitalismo, influenciou diretamente o âmbito escolar e, conseqüentemente, o trabalho docente. O processo de reestruturação produtiva, alicerçado na evolução tecnológica e flexibilização laboral, agravaram as condições materiais e alargaram as práticas profissionais dos professores, que tiveram que se adaptar à lógica da gestão gerencialista da avaliação da excelência e produtividade (BECHI, 2017), por meio da competitividade, individualismo e intensificação do trabalho.

Nessa conjuntura, a submissão dos educadores às mesmas condições e divisão do trabalho existentes no mercado passam a requisitar novas demandas, valores e pensamentos próprios de uma empresa privada. Segundo Sguissardi (2008: 1000):

Em decorrência das transformações culturais e do reordenamento político-econômico em âmbito global, a educação tornou-se objeto de lucro ou acumulação; uma mercadoria ou a educação-mercadoria de interesse dos empresários da educação, que viria se completar com seu par gêmeo de interesse de todos os empresários dos demais ramos industriais e comerciais, a mercadoria-educação.

As políticas neoliberais proporcionaram a abertura econômica e a implantação das inovações tecnológicas e de gestão condizentes à era da globalização. Na educação, com o Plano Diretor da Reforma do Estado de 1995, houve uma crescente retirada de verbas destinadas a esta área, além do estímulo ao investimento de instituições de ensino superior privadas. O cenário brasileiro político-econômico da época, caracterizado por corte nos gastos da educação, na previdência e na saúde, assim como a forte retração dos empregos, aumento do desemprego e do trabalho precário, impactaram na função dos educadores de formação de mão-de-obra, como meio de desenvolverem as competências dos estudantes, promovendo-lhes maior segurança e competitividade, conforme a lógica de responsabilização do sujeito pelo seu lugar de desprovido (LIMA, 2007).

Por sua vez, a educação básica influenciada por uma política baseada na difusão do modelo de administração gerencial com foco nos resultados e no acúmulo de capital flexível, responsabiliza os professores pela educação e desenvolvimento da capacidade de empregabilidade da população, atribuição essa pertencente ao Estado, mas agora destinada aos professores (MENDES, 2015). As ideias neoliberais de privatização não só fizeram com que o Estado fosse descentralizado, mas marca o sujeito como ser unicamente capaz de mudar sua “condição”, sem levar em conta todo o contexto que o cerca. A partir desta conjuntura, a educação brasileira sofre um grande impacto nas ideias pedagógicas, já que o fracasso escolar acaba por justificar a existência de vida precária, dado o Estado incapaz de gerir o bem comum. Desse modo, se advoga no campo educacional, “a primazia da iniciativa privada regida pelas leis do mercado” (SAVIANI, 2013: 428),

mercantilizando a educação e submetendo o trabalho docente à lógica perversa do capital.

Diante das constantes imposições, constrangimentos e pressões do trabalho real, que exigem a adaptação aos valores, metas e cultura organizacional, às intensificações e precárias condições, os professores da rede de ensino básico têm apresentado sofrimento e exaustão, estando mais suscetíveis a adoecer. A gestão gerencialista, ao determinar o notório desempenho com resultados exigidos dos professores e alicerçado na lógica neoliberal, deve ser considerada na compreensão do aparecimento de patologias e na piora da qualidade de vida dos professores. Submetidos a condições de trabalho alarmantes e expostos a cargas laborais que, ao longo do tempo, podem desgastar e comprometer a capacidade vital (LIMA, 2007).

Para Santos (2015), essa categoria encontra-se em sofrimento, com frustrações, insatisfações e falta de realização no trabalho, estando o tempo de duração no magistério associado aos piores estados de saúde e incapacidade para o exercício profissional. A organização do trabalho nas instituições públicas de ensino básico e fundamental, caracterizadas pelo número exorbitante de alunos/classe, baixa remuneração, mudanças de políticas e propostas educativas traçadas à margem do magistério, sobrecarga de tarefas, exposição ao estresse constante e intenso, contribuem para a manifestação do sofrimento psíquico, acarretando, muitas das vezes, em adoecimento (mental e físico), afastamento e readaptação (MARTINS, 2005).

Impactos do neoliberalismo: readaptação docente e o sofrimento psíquico

Dada a dificuldade de reapropriação do próprio trabalho, já que as transformações/condições no âmbito educacional, atreladas ao modelo político-econômico dificultam relações coletivas, mais solidárias e de pertencimento, quando em sofrimento ou adoecimento, esses profissionais acabam sozinhos recorrendo ao afastamento profissional, à licença médica e à readaptação funcional. A readaptação visa permitir que o professor continue exercendo funções na área educacional, mesmo diante das limitações médicas apresentadas. Vale destacar que este é um direito do servidor público, desde que seja comprovada a sua incapacidade para o cargo atual. Ela tem o intuito de preservar a dignidade do servidor e possibilitar a sua permanência no serviço público, ainda que em um cargo diferente (CORTEZ *et al.*, 2017).

No âmbito brasileiro, a Lei 8.112/1990 trata da readaptação funcional de servidores públicos, incluindo professores, e dispõe sobre o Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. De acordo com a legislação, a readaptação funcional permite a adequação das atribuições do servidor público em decorrência de limitações físicas, mentais ou sensoriais, buscando garantir que ele possa continuar exercendo uma função compatível com suas capacidades (BRASIL, 2005). No caso do professor, ao perceber a necessidade de readaptação, deve-se iniciar o processo através de uma solicitação formal à Secretaria de Educação; o pedido é seguido por uma avaliação médica, geralmente realizada por peritos da previdência social, e com base na avaliação é emitido um laudo médico que atesta a necessidade de readaptação de função, conforme as limitações do docente.

A Psicodinâmica do Trabalho elucidada sobre o sofrimento sempre registrado no contexto laboral, dada a lacuna entre o que é prescrito pela organização do trabalho e a realidade que se impõe. Barbosa (2014: 9) ressalta:

O mundo objetivo, com seus desafios, regras, paradigmas e valores, entra em conflito com a singularidade do sujeito, provocando confronto entre relações e organização do trabalho e mundo interno e subjetivo do trabalhador, causando sofrimento psíquico.

Porém, é também nessa brecha que se dá a oportunidade do trabalho vivo (DEJOURS, 2000). Quando existe a viabilidade de descarga das tensões psíquicas decorrentes do cotidiano, havendo espaço para o sujeito usar sua criatividade e desenvolver sua inteligência, habilidades e cooperação, o sofrimento é ressignificado e o labor passa a ser equilibrante e fonte de prazer. Entretanto, quando há predomínio de submissão, ausência de liberdade e normatizações rígidas, não sendo possível a negociação das demandas junto à organização do trabalho, a retomada de sentido do fazer e a descarga psíquica ficam impedidas, levando o sujeito ao sofrimento patogênico e à descompensação física e mental (DEJOURS, ABDOUCHELI e JAYET, 1994).

Para Macêdo (2013), o sofrimento é resultado da relação entre a subjetividade e o acúmulo de atividades previstas, alicerçada na lógica da racionalidade econômica capitalista e acaba sendo expresso através de patologias e doenças. Portanto, entende-se que a readaptação funcional está relacionada ao sofrimento patogênico, quando é impossibilitada a negociação entre a organização do trabalho e os conteúdos subjetivos dos trabalhadores, podendo abrir caminho para a expressão de doenças psíquicas e/ou somáticas que acometem a saúde do professor (MACÊDO, 2013).

Para abarcar toda ansiedade gerada pela rigidez da organização do trabalho e sua lógica gerencialista, os sujeitos se utilizam de estratégias defensivas para minimizar a percepção do sofrimento no trabalho, por intermédio de uma percepção modificada da realidade que encobre o risco psíquico ao qual os trabalhadores estão expostos. A eufemização do sofrimento viabiliza uma proteção ao psiquismo, permitindo que os trabalhadores continuem trabalhando, mesmo em contextos assinalados pelas adversidades, de modo a permanecer no campo da normalidade e evitar a descompensação (LANCMAN e UCHIDA, 2003).

À frente dessas circunstâncias, Rossi (2018) traz ainda que embora as estratégias defensivas visem minimizar o sofrimento, para que o indivíduo possa se manter em sua ocupação, a aceitação de sobrecarga e de condições precárias de trabalho acabam levando o profissional ao esgotamento, pois “quando as estratégias de defesa enfraquecem instala-se o adoecimento culminando na readaptação funcional.” (ROSSI, 2018: 195). A patologia se manifesta, quando há um rompimento no equilíbrio e sofrimento não pode ser mais contornável através de estratégias coletivas defensivas que calam ou negam os aspectos injustos da organização do trabalho e ocasionam o surgimento de doenças (LANCMAN e UCHIDA, 2003) e, portando, as readaptações funcionais.

Levando em conta os ajustes político-econômicos neoliberais aplicados na educação brasileira e norteadores da organização do trabalho aplicada nas escolas públicas, assim como os valores e competências gerenciais espalhados e exigidos do corpo docente, este artigo tem por objetivo compreender o processo de sofrimento e adoecimento no trabalho de professores readaptados de escolas estaduais nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Corumbá e de Ladário, MS.

Metodologia

Tendo como propósito reconhecer as relações entre trabalho, subjetividade e as vivências de sofrimento e prazer advindas da organização do trabalho, esta pesquisa qualitativa, baseada em fundamentos da Psicodinâmica do Trabalho, analisou a dinâmica da relação objetiva e subjetiva dos elementos psíquicos, sociais, políticos e econômicos relativos ao processo de readaptação de professores em escolas públicas estaduais. Para Mendes (2007), a pesquisa em psicodinâmica permite desvelar as transformações da organização do trabalho, o êxito das estratégias defensivas, a emancipação dos trabalhadores, a posição de poder político e social assumida, assim como a reapropriação do trabalho por parte do indivíduo e do coletivo.

Após autorização da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS) para a realização da pesquisa junto a docentes das Escolas Estaduais localizadas nos municípios de Corumbá e Ladário/MS, foi levantada a presença de 12 professores readaptados em 7 das 13 Escolas Estaduais da região. Posterior ao contato com os docentes, apenas 3 deles tinham sido diagnosticados com algum transtorno mental e aceitaram participar na pesquisa, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os critérios de inclusão na pesquisa foram pertencer à Rede Estadual de Ensino em Corumbá e Ladário/MS; estar em processo de readaptação temporário, ter se afastado por motivo transtorno mental³, e atuar em escolas localizadas na área urbana. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 57832322.2.0000.0021.

Aplicou-se presencialmente nas escolas em que cada um dos participantes estava lotado um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada buscando a compreensão do sofrimento psíquico, da organização do trabalho e da readaptação. Os sujeitos responderam aos instrumentos em data e horário acordados previamente, e duraram de 40 minutos a 1h30min; a aplicação do questionário durou em média 10 minutos. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra pois, segundo Mendes (2007), a partir da relação da “fala-escuta” é possível ao pesquisador compreender os conteúdos latentes e manifestos que se revelam por meio da fala do entrevistado, no caso sobre elementos da organização do trabalho, das vivências de prazer- sofrimento, dos processos de saúde-adoecimento, da subjetivação e mediações.

Participantes

Participaram duas professoras e um professor em fase de readaptação funcional temporária na Rede Estadual de Ensino em Corumbá e Ladário/MS, os quais foram codificados por P1, P2 e P3 para garantia do sigilo da identidade. Os três docentes apresentaram em comum o diagnóstico de Transtorno de Pânico - F41.0, caracterizado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição – DSM-5 (Associação Psiquiátrica Americana [APA], 2014) pela ocorrência sistemática de ataques de pânico inesperados e recorrentes, acompanhados por sintomas físicos e psicológicos intensos como palpitações, sudorese,

³ Os transtornos mentais são condições que afetam o funcionamento psicológico, emocional e comportamental, causando sofrimento significativo e interferindo na vida cotidiana, pois envolvem alterações no pensamento, emoções, comportamento ou interações sociais, acometendo a população trabalhadora conforme o desenho da organização do trabalho (Protocolo de Atenção à Saúde Mental e Trabalho, 2015).

tremores, sensação de falta de ar, dor no peito, tontura, náusea, medo de morrer ou perder o controle, entre outros. Esses sintomas podem ocorrer de forma repentina e imprevisível, levando a um medo constante de ser novamente acometido por ataques de pânico. Ele pode ser debilitante e interferir significativamente na vida diária, causando sofrimento emocional e limitando a participação em atividades sociais e ocupacionais.

É importante destacar que cada indivíduo com Transtorno de Pânico pode ter experiências e desafios únicos no ambiente de trabalho, entre eles: limitações no desempenho: durante um ataque de pânico, a pessoa pode ter dificuldades em se concentrar, tomar decisões e executar suas tarefas de maneira eficaz; absenteísmo: a pessoa pode evitar certas situações ou ambientes que desencadeiam os ataques; preocupação com a segurança: os sujeitos ficam constantemente preocupados com a ocorrência de ataques de pânico no trabalho, especialmente em ambientes que consideram provocar a crise e, estresse no ambiente de trabalho: pressão excessiva, demandas intensas, falta de apoio e conflitos interpessoais acabam aumentando a ansiedade e a probabilidade de ataques de pânico (ROUBIK, 2021).

Sobre os docentes que participaram da pesquisa

P1: gênero feminino, 51 anos, com especialização completa, divorciada, com filhos, além da escola estadual A, leciona em outra, está há 35 anos no magistério, sua carga horária semanal é de 20 horas na escola estadual e ali atua em um turno, estava cedida da educação para a Assistência Social. Está readaptada desde 2005 (há 17 anos na época da entrevista), por F32 (Episódios depressivos), F39 (Transtorno do humor [afetivo] não especificado) e F41.0 (Transtorno de pânico [ansiedade paroxística episódica]) (Classificação Internacional das Doenças [CID-10, 2011]. Na época da pesquisa ocupava a função de Professora cedida da educação para a assistência social

P2: gênero feminino, 54 anos, pós-graduada em língua portuguesa, é casada, tem filhos, além de atuar na escola estadual B leciona em outra escola, tem 16 anos de docência, sua carga horária semanal é de 20 horas na escola estadual e ali atua em um turno, não exerce outra atividade profissional. Readaptada desde 2017 (5 anos na época da entrevista), por F41.0 (Transtorno de pânico [ansiedade paroxística episódica]) e F33.1 (Transtorno depressivo recorrente, episódio atual moderado) (CID-10, 2011). Exercia na época da pesquisa a função de Auxiliar de Coordenação.

P3: gênero masculino, 42 anos, superior completo, casado com filhos, atua na escola estadual C, não trabalha em outra escola, atua em dois turnos, carga horária de 40 horas semanais, não exerce outra atividade profissional. Está readaptado desde 2019 (há 3 anos na época da entrevista), por F41.0 (Transtorno de pânico [ansiedade paroxística episódica]) e F33.1 (Transtorno depressivo recorrente, episódio atual moderado) (CID-10, 2011). Na época da pesquisa exercia a função de Assessor Pedagógico.

Análise de Dados

Os dados foram analisados através da técnica de Análise do Núcleo de Sentido (ANS), proposta por Mendes (2007), que baseada na análise de conteúdo categorial de Laurence Bardin (2002), permite compreender como o trabalho é viven-

ciado pelos indivíduos, destacando a importância de considerar a dimensão subjetiva do trabalho para compreender os impactos na saúde mental dos trabalhadores (MENDES, 2007).

Assim, após a realização da entrevista, foi produzida uma análise prévia com a transcrição literal das falas dos entrevistados, havendo a separação de fatores comuns dos discursos que apareciam com maior frequência nas falas dos entrevistados e que apresentavam semelhança semântica, lógica e psicológica, visando agrupar tanto o conteúdo manifesto nas verbalizações, quanto o conteúdo latente.

Após a investigação do sentido e da dinâmica do contexto laboral, foi construída a sistematização dos conteúdos em duas categorias: 1) Antes da readaptação: uma trajetória de sobrecarga e sofrimento baseada nos ajustes neoliberais; e 2) O sofrimento patogênico no âmbito da educação.

Resultados e discussão

Antes da readaptação: uma trajetória de sobrecarga e sofrimento baseada nos ajustes neoliberais

De acordo com as falas dos entrevistados, o trabalho na educação era caracterizado por precárias condições materiais, jornada exaustiva, altas demandas e atividades quase sobre-humanas. A deterioração do sistema educacional brasileiro trazia sofrimento e sobrecarga de trabalho, contribuindo para o agravamento dos problemas de saúde e para o desgaste ao longo da trajetória profissional, antes mesmo da readaptação.

Conforme narra o P3, “*de modo geral... no início [da carreira] tinha uma certa empolgação, satisfação*” (P3), situação que foi aos poucos se apagando. De acordo com Mendes (2015), a nova estrutura de trabalho no contexto escolar, apoiada na concepção neoliberal, produz uma demanda exaustiva e inadequada, gera sobrecarga e interfere diretamente nos papéis assumidos pelos docentes, já que são obrigados a adotarem uma postura flexível, produtiva, polivalente e competitiva para abarcar a nova era da globalização. As falas de dois docentes ilustram esse ponto:

Eu era sala lotada, muitas disciplinas que a gente trabalhava, ainda mais que eu era nova, então eu não dava só língua portuguesa, dava português, inglês, ensino religioso, naquela época tinha educação moral, artes, tudo isso passava para a gente, então me deixava muito cansada, pode ser que juntando esses fatores e mais fatores pessoais que eu tive, que desencadeou tudo, ficou pior. (P1)

No decorrer do tempo, fui perdendo a visão, já tive que usar óculos, porque fazíamos o diário, não era digital, era no papel, você tinha anotar todas as faltas, você tinha que mexer tudo no papel, notas, conteúdo, planejamento suas atividades de sala, o que você tinha que preparar para as aulas, atividades, corrigir, enfim, era essa a minha atividade, fora isso, sempre acabava levando o trabalho para a casa, por causa do diários, sempre tinha que correr e tinha que fazer em casa, não tem como. (P2)

Neste modelo educacional, de nova estrutura governamental e social, o professor P3 se deparou com situações desapontantes que geraram desconforto e frustração com relação ao seu trabalho na educação no decorrer dos anos, envolvendo situações associadas ao modo de organização do trabalho e às relações interpessoais:

Com o tempo fui meio que desencantando por causa desses problemas, por causa de alguns alunos também, por causa de todos os problemas de burocracia, de cobrança,

de alguns pais que você vê que decepcionam, de 50 alunos que morreram, de alunos que foram presos...há um desencanto, dos alunos que são abusados, você vê que te desrespeitam e você vai cansando ao longo do tempo. (P3)

Dejours (2000) revela que o trabalho precisa fazer sentido e ter significado para os indivíduos, pois “a constituição da identidade das pessoas está necessariamente vinculada às situações de trabalho nas quais estão inseridas” (FERREIRA, 2007: 51). Se o trabalho vivo depende da implicação subjetiva, de ser reconhecido naquilo que se faz coerentemente, “ao contrário, ter de se dedicar de corpo e alma a um trabalho sem sentido apenas sobrecarrega o corpo e a alma” (LIMA, 2010: 8).

Dentro desse parâmetro neoliberal, a qualidade e os rendimentos do trabalho docente são apontados como decorrentes apenas das competências ou habilidades individuais, como indica o P3 sobre as crescentes imposições que recaem somente aos professores, provocando “(...) *mais cobrança de aumentar a produção, aumentar a produção, e você vê que a qualidade está caindo. Então essa cobrança que tem com os professores e a parte burocrática que cada vez mais aumenta também*”, sem ao menos considerar uma análise que vincule o desempenho do docente às condições e relações de trabalho que em são ofertados (SOUZA, 2010).

Passar por condições muitas vezes desumanas no ambiente de trabalho, como a carga horária exaustiva e a desvalorização profissional, impacta negativamente na saúde mental. Tanto o docente P2 como o P3 descreveram uma rotina de trabalho desgastante, que envolvia “*ministrar aula, fazer o diário, planejamento, elaborar atividade, corrigir, depois você tem o conselho de classe, você tem que apresentar para os pais*” (P2), além do aumento na carga de trabalho e no surgimento dos sofrimentos perante as demandas “*pegar esse trabalho estressante aqui, era pavoroso, ainda levando esse trabalho para casa, levando prova para corrigir, planejamento...os sábados letivos que aumentaram também, essa carga tem muito a ver com a carga horária do professor*” (P3).

Os professores entrevistados acabavam se dedicando às tarefas da escola até mesmo quando estavam em casa; usavam os horários de lazer para preparar ou planejar atividades didático-pedagógicas, avaliar os alunos, pesquisar e estudar para o aprimoramento profissional. O trabalho no magistério demandava ainda, tempo disponível para participação nos conselhos de classe, encontro com os pais e para as atividades extraescolares. Consequentemente, a gama de tarefas excedia o ato pedagógico da docência propriamente dita, fazendo com que os professores se responsabilizassem por outras funções na instituição escolar (TEIXEIRA, 2010).

No relato da professora P1 podemos verificar um resumo da trajetória da maioria dos professores da educação básica brasileira:

Então, de modo geral... no início tinha uma certa empolgação, satisfação, depois com o tempo fui meio que desencantando por causa desses problemas, por causa de alguns alunos também, por causa de todos os problemas de burocracia, de cobrança, de alguns pais que você vê que decepcionam, de alunos que morreram, de alunos que foram presos...há um desencanto, dos alunos que são abusados, você vê que te desrespeitam e você vai cansando ao longo do tempo, até a desvalorização nacional da nossa categoria, não só a questão do salário, mas da questão cultural mesmo, não há uma valorização, tanto pelo governo quanto dos pais, da própria sociedade, dos próprios alunos mesmo, você vai perguntar quem quer ser professor, ninguém quer, ninguém quer trabalhar com a educação, então você vai desencantando. (P3)

A persistência e a intensidade com que os fatores estressantes vivenciados pelos professores e, associadas a sucessivas tentativas de lidar adequadamente

com eles, também podem tornar esse indivíduo vulnerável ao surgimento de vários problemas de saúde que levam a realocação laboral (MASLACH, SCHAUFELI e LEITER, 2001). Além dos aspectos elencados, a quantidade de disciplinas que os professores ministravam, a superlotação das salas de aula e a sobrecarga com altas demandas burocráticas e/ou administrativas, condizentes com o modo de organização do trabalho gerencialista, se constituíam em gatilhos de ansiedade que favoreciam o adoecimento docente.

O sofrimento patogênico no âmbito da educação

As condições inadequadas de trabalho, aliada à falta de reconhecimento pessoal e social, afetavam a saúde emocional dos professores que, por vezes, se mostravam desanimados diante da desvalorização percebida por parte da sociedade, gestores, governantes e colegas, que desmereciam o ofício árduo e a dedicação dos mesmos à educação do Brasil. A ausência de apoio na precarização e a intensificação das demandas laborais, podem contribuir para um sentimento de desânimo, angústia e sofrimento, levando-os ao adoecimento. Conforme o P3:

Eu não estava conseguindo ter um controle emocional... eu perdia a paciência muito fácil, então nos últimos tempos eu não estava conseguindo ter o controle que eu tinha no início da carreira, eu não estava mais conseguindo ter empolgação, de conseguir fazer projetos novos, ter uma ideia nova ou coisa do tipo, então estava bem complicado, um pouquinho antes de eu ser readaptado. (P3)

A narrativa de P3 situa a vivência de medo, angústia, estresse, ansiedade e insegurança, sentimentos derivados de um grande conflito entre o mundo objetivo, com suas regras e condutas organizacionais, e o mundo subjetivo e interno, referente à singularidade do sujeito, em seus desejos e necessidades. Embora o sofrimento possa ser compreendido como uma “mola propulsora” em direção à saúde mental, alavancando a subjetivação e a criação caso o trabalhador tenha um papel ativo frente às imposições e possa transformar concretamente as circunstâncias laborais (MENDES, 2007), quando a realidade não oferece possibilidade de gratificação aos desejos e projetos do sujeito, a relação intersubjetiva com o trabalho tem a capacidade de alienar e de adoecer.

Conforme Dejours (2000), as imposições e pressões exercidas pelas corporações, relacionadas às exigências de adaptação a valores organizacionais e culturais, levam ao desgaste e exaustão. No caso das demandas que a instituição escolar impunha aos professores, muitas eram desprovidas do sentido principal do magistério que era ensinar, passando os docentes a exercer um papel dúbio e penoso, juntando a sobrecarga das várias funções exigidas no cotidiano, além de terem que lidar com a obrigatoriedade da produtividade e resultados impostas pelo neoliberalismo (AGUIAR e ALMEIDA, 2008).

Em um contexto tão nocivo, o profissional da educação fica impedido de deslocar o sofrimento criativo, em detrimento do patogênico. Os Episódios Depressivos apresentados se relacionam com o trabalho ao passo que são vivenciadas constantes situações de frustrações, precarização e sobrecarga, relações profissionais complexas e sentimento de impotência perante as injustiças no ambiente laboral. Selligman-Silva (2011: 533) pontua “a postura de desânimo diante da vida e do futuro... [A depressão pode aparecer] através de expressões somáticas de mal-estar ou doenças; acidentes de trabalho; alcoolismo; absenteísmo”. Segundo P1, o trabalho exercido era tão adoecedor que a única resposta possível era faltar, resistência encontrada para escapar daquele contexto tóxico (DEJOURS,

1987) “*eu não conseguia levantar, não conseguia trabalhar e ficava muito chateada, triste de não poder, de não conseguir*” (P1).

Este fato revela uma fuga daquilo que causa dor e sofrimento à docente. Quando as tentativas de enfrentamento se esgotam, a estratégia de não ir trabalhar passa a ser uma escolha válida e pertinente “*eu tentava ir trabalhar doente, mas depois que eu via que não conseguia, já não ia e não ia mesmo*” (P1). O seu desabafo descortinou a falta de condição de bem-estar no ambiente de trabalho, ausentando-se do serviço como forma de aplacar a sua dor e sofrimento (PENTEADO e SOUZA, 2019).

O esgotamento de todas as possibilidades e estratégias de exercer dignamente sua profissão levava ao absenteísmo, já que não havia conciliação possível entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico: “*sabe quando você não quer ver nem cara de escola?*” (P2). Para Dejours (1987), o absenteísmo ocorre quando o indivíduo chega ao ápice do seu limite de sofrimento, sendo a evasão do ambiente de trabalho uma busca por equilíbrio e satisfação, que acaba se tornando um ato muito mais de resistência diante as adversidades adoecedoras do que uma falta no trabalho.

Outro fator de absenteísmo entre os docentes estava relacionado à sobrecarga de trabalho onde, por vezes, o docente assumia vários papéis que não eram de sua responsabilidade ou formação. Estas demandas sobrepostas acabavam por provocar um cansaço físico e mental, resultando em afastamento laboral por meio de licença médica ligada à fadiga física e mental, diagnóstico médico que culmina em algum transtorno psíquico entre a ansiedade e a depressão.

Os transtornos mentais constatados através de depressão, ansiedade, crises e pensamentos suicidas são os mais frequentes entre os profissionais da educação, podendo afetar a produtividade e o prazer no trabalho docente, ocorrendo paulatinamente: “*de uns tempos para cá eu fui tendo esse cansaço mental*” (P3), até que o professor não consegue mais exercer sua função como antes, nem no trabalho e nem na vida pessoal: “*eu não conseguia mais administrar os próprios problemas*”, emergindo a dor e sofrimento para sua vida como um todo (PENTEADO e SOUZA, 2019)

Esse desgaste e frustração ocorre quando há uma ruptura ou uma lacuna entre o trabalho prescrito e o real, emergindo uma sensação de fracasso e de desânimo. Moraes (2018) revela que esse cenário pode chegar a quadros de transtornos mentais mais graves como as crises silenciosas e sistêmicas, aumentando cada vez mais a sua intensidade, a ponto do docente não se dar conta, até que ela se manifesta: “*eu fiquei tão perturbado que eu tive vontade de me jogar na frente de um ônibus, era uma crise que eu tinha*” (P3). O desespero desse profissional era tão grande que contou ter lançado mão de atitudes de atentar contra a própria vida a fim de sanar a dor que sentia: “*a ansiedade já estava virando uma depressão muito grave, por isso me afastei seis meses, aí depois de seis veio a readaptação em 2019*” (P3).

Em relação ao sofrimento psíquico que acomete os trabalhadores, os transtornos mentais associados ao trabalho não resultam de fatores isolados, mas de um contexto ambiental e social mais amplo e repleto de particularidades, principalmente no que tange o ofício do educador. O participante P3 menciona que o adoecimento causou um sentimento de vulnerabilidade e de fragilidade, afetando seu cotidiano: “*vai meio que frustrando você, afetando a saúde de uma certa forma que você não consegue mais trabalhar, então isso vai desgastando*” (P3). Com o passar do tempo, o sofrimento que está no centro da relação psíquica entre o ser humano e o trabalho vai se agravando cada vez mais, levando o profissional

da educação a desenvolver outras patologias ou a potencializar as previamente existentes:

Tive várias crises de ansiedade e teve uma última, uma bem grave, que eu tive uma briga com um aluno meu...eu na verdade estava em acompanhamento psiquiátrico, já tinha sido afastado duas vezes, daí nessa última a psiquiátrica resolveu me afastar um pouco mais e eu peguei uma dispensa médica de seis meses, aí depois desse afastamento de seis meses, ela resolveu fazer a readaptação, minha primeira readaptação. (P3)

O conflito entre os seus valores e a situação externa de embate com o aluno foi tão elevado que ele ponderou “*depois eu me arrependi, depois eu me arrependi tanto, que tive vontade de me matar*” (P3). Em sua narrativa há uma constatação no ocorrido a ponto de desejar o suicídio na tentativa de aplacar a dor que sentia, já que “*estados mentais provocados pelos estados de depressão essencial, no qual se instala doenças agudas somáticas ou agravamento de doenças preexistentes, demonstra o sofrimento psíquico*” (DEJOURS, 2013: 63).

A narrativa de P3 demonstra, portanto, a gravidade da gestão gerencialista, em suas cobranças rígidas e imposições normativas, e alerta para a relação entre precarização e saúde mental de professores submetidos à lógica neoliberal.

Considerações finais

O presente estudo evidenciou a ligação entre as reformas educacionais, que ocorreram nos anos 90, e os ajustes neoliberais, marcadas pelo modelo toyotista e flexível de gestão, acarretando na precarização do trabalho dentro do âmbito escolar. As precarizações do trabalho docente, juntamente com a competitividade e o produtivismo, se intensificam quando as transformações do mundo do trabalho são transportadas para a educação, caracterizadas pelas imposições e pressões exercidas através das organizações do trabalho, deixando os docentes mais suscetíveis ao sofrimento patogênico e ao adoecimento.

Para os professores estudados, a situação laboral regida pela administração gerencialista tem trazido angústias, desejos, medos e que busca manter sua saúde mental em meio a essa complexidade de relações que, muitas vezes, leva à naturalização da problemática do mal-estar e dos sofrimentos na docência. O confronto com o acúmulo de atividades e exigências previstas alicerçadas na lógica da racionalidade econômica capitalista pode se manifestar nas patologias e doenças. Portanto, entende-se que a readaptação funcional está relacionada ao sofrimento patogênico, quando é impossibilitada a negociação entre a organização do trabalho e os conteúdos subjetivos dos trabalhadores, podendo abrir caminho para a expressão de doenças psíquicas e/ou somáticas que acometem a saúde do professor.

Foram pontuadas várias questões e situações, entre elas: a carga excessiva de trabalho e responsabilidades que os professores enfrentam, muitas vezes indo além do tempo e dos recursos disponíveis; relações interpessoais difíceis; classes superlotadas, com um grande número de alunos; infraestrutura inadequada; pressão externa, envolvendo as altas expectativas dos pais, diretores, colegas, comunidade e até mesmo dos próprios alunos; imposições na busca por resultados acadêmicos, avaliações de desempenho e metas de ensino, que o sistema e as instituições de ensino estabelecem para os professores.

Assim, os professores apontaram alguns fatores organizacionais que contribuíram para o sofrimento psíquico, sobrecarga e aos transtornos mentais, levando à readaptação laboral. Dessa maneira, é notório a importância da história

para compreender o que aconteceu e como se chegou a determinado ponto. A história da educação brasileira deve ser analisada segundo um contexto social, político e econômico, para não ser entendida através de concepções reducionistas, mas daquelas que examinam o quadro na qual a educação e o professor estão inseridos, evidenciando os aspectos gerencialistas que favorecem para o adoecimento do professor.

Levando em consideração o aspecto da promoção de saúde mental, sugere-se o uso da clínica do trabalho, proposta por Christophe Dejours e método próprio da Psicodinâmica do Trabalho (PdT), como possibilidade de engajamento e expansão da subjetividade dos trabalhadores na busca para promover um lugar de autonomia e de criação, de forma a potencializar a transformação e ressignificação das estratégias defensivas em mobilização criativa e de sublimação no campo do trabalho docente (MAGNUS e MERLO, 2015).

Recebido em 30 de maio de 2024.

Aprovado em 29 de novembro de 2024.

Referências

BRASIL. *Emenda Constitucional 47, de 5 de julho de 2005*. Altera os arts. 37, 40, 195 e 201 da Constituição Federal, para dispor sobre a previdência social, e dá outras providências.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5th ed.). Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARBOSA, M. S. X. T. *Trabalho docente, adaptação funcional e identidade: Um estudo de caso*. Monografia (Especialização em Psicologia), UnB, 2014.

Bahia, Secretaria da Saúde do Estado. Superintendência de Vigilância e Proteção da Saúde. Diretoria de Vigilância e Atenção à Saúde do Trabalhador. Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador. *Protocolo de atenção à saúde mental e trabalho/organizado*, Salvador: DIVAST, 2014.

BECHI, D. As reformas da educação superior e as metamorfoses do trabalho docente na economia capitalista flexível. *Revista Internacional de Educação Superior*, 3 (1): 203-223, 2017.

CORTEZ; P. A.; SOUZA, M. V. R.; AMARAL, L. O.; SILVA, L. C. A. A saúde do docente no trabalho: Apontamentos a partir da literatura recente. *Caderno de Saúde Coletiva*, 25 (1): 113-22, 2017.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1987.

- DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- DEJOURS, C. A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 33 (2): 9-28, 2013.
- DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da escola dejouriana a análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.
- FERREIRA, J. B. *Trabalho, sofrimento e patologias sociais: Estudo com trabalhadores bancários e anistiados políticos de uma empresa pública*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), UnB, 2007.
- LANCMAN, S.; UCHIDA, S. Trabalho e subjetividade: O olhar da psicodinâmica do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 1 (6): 79-90, 2003.
- LIMA, K. *Contra-reforma na educação superior: De FHC a Lula*. São Paulo: Xamã, 2007.
- LIMA, F. P. A. "Carga de trabalho". In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. (orgs.). *Dicionário: Trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.
- MACÊDO, K. B. "Sublimação". In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (orgs.). *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. Curitiba: Juruá Editora, 2013, 439-443.
- MAGNUS, C. de N.; MERLO, Á. R. C. Clínica Psicodinâmica do Trabalho: A construção de um coletivo no real da pesquisa. *Polis Psique*, 5 (3): 179-97, 2015.
- MARTINS, L. Os "sentidos do trabalho" docente universitário em tempos neoliberais. *Revista da UFG*, 7 (2): 21-4, 2005.
- MASLACH, C.; SCHAUFELI, W. B.; LEITER, M. P. Job Burnout. *Annual Review of Psychology*, 52 (1): 397-422, 2001.
- MENDES, A. M. *Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- MENDES, M. L. M. A precarização do trabalho docente e seus efeitos na saúde dos professores da rede Municipal de ensino do Recife. *Hum@nae: Questões controversas do mundo contemporâneo*, 9 (1): 1-18, 2015.
- PENTEADO, R. Z.; SOUZA, S. de. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. *Saúde e Sociedade*, 28 (1): 135-153, 2019.
- ROSSI, V. R. *Ser-ninguém: Um estudo de caso sobre a readaptação funcional na perspectiva da psicodinâmica do trabalho*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Católica de Brasília, 2018.
- ROUBIK, C. F. *Transtorno do Pânico: Uma visão geral da doença e tratamentos disponíveis*. Trabalho de Conclusão de Curso, Monografia, Farmácia Bioquímica, USP, 2021.
- SANTOS, L. M. *O sentido da readaptação atribuído pelas professoras*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), UFMS, 2015.
- SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2013.

SGUISSARDI, V. Modelo de expansão da educação superior no Brasil: Predomínio privado/mercantil e desafios para a regulação e a formação universitária. *Educação e sociedade*, 29 (105): 991-1019, 2008.

SOUZA, S. Z. “Avaliação de desempenho do professor”. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

TEIXEIRA, I. A. C. “Carga horária de trabalho”. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

WELLS, R. H. C., BAY-NIELSEN, H., BRAUN, R., ISRAEL, R. A., LAURENTI, R., MAGUIN, P., & TAYLOR, E. *CID-10: classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde*. São Paulo: EDUSP, 2011.

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS PRÓXIMOS DOSSIÊS TEMÁTICOS

Volume 12, Número 30 (setembro-dezembro de 2025)
Enfoques Contemporâneos sobre os Estudos do Cuidado

Dr. Fábio de Medina da Silva Gomes (Unemat)

Dra. Ludmila Rodrigues Antunes (UFF)

SUBMISSÕES ATÉ 30 DE AGOSTO DE 2025

Volume 13, Número 31 (janeiro-abril de 2026)
Epistemologias étnica e racialmente diferenciadas: diálogos possíveis

Dra. Jane Felipe Beltrão (UFPA)

Dra. Talytta Suenny Araújo (Museu Paraense Emílio Goeldi)

Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes (UFC e UNILAB)

Dr. Almiros Martins Machado (PPGA)

SUBMISSÕES ATÉ 30 DE NOVEMBRO DE 2025

Volume 13, Número 32 (maio-agosto de 2026)
Masculinidades, curso de vida e cuidado

Dr. Esmael Alves de Oliveira (UFGD)

Dr. Marcos Nascimento (IFF/Fiocruz/RJ)

Dr. Camilo Braz (UFG)

SUBMISSÕES ATÉ 30 DE MARÇO DE 2026

Volume 13, Número 33 (setembro-dezembro de 2026)
Etnografia, escrita de si e escrita entre os seus: experimentações, desafios e potencialidades

Dr. Leandro de Oliveira (UFMG)

Dr. Felipe Tuxá Sotto Maior Cruz (UFBA)

SUBMISSÕES ATÉ 30 DE JULHO DE 2026

Esperamos também artigos livres, em fluxo contínuo.

As submissões devem ser feitas no site:

<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/>

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso